

SIMONE CRISTINA CAMARGO



1290000157



FE

TCC/UNICAMP C14f

**“O FURTO DO IMAGINÁRIO DA CRIANÇA
EM SALA DE AULA”**

**CAMPINAS
1998**

SIMONE CRISTINA CAMARGO

**“O FURTO DO IMAGINÁRIO DA CRIANÇA
EM SALA DE AULA”**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para o curso de Pedagogia com habilitação
em Magistério das Séries Iniciais do
Primeiro Grau e Administração Escolar
da Faculdade de Educação,
Unicamp, sob a orientação da Prof.a
Dr^a Ernesta Zamboni.**

**CAMPINAS
1998**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	TCO UNICAMP
C:	14
V:	
E:	
TOMBO:	157
PROC.:	124/2003
C:	X
PREÇ.:	11,00
DATA:	03.11.03
Nº CPD:	Bib. Ad. 31. 0614

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

C14f

Camargo, Simone C.

O furto do imaginário da criança em sala de aula /
Simone C. Camargo - Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Ernesta Zamboni.

Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Livros didáticos. 2. Imaginário nas crianças. 3.
Observação (Método educacional). 4. Desenho.
5. Diálogo. I. Zamboni, Ernesta. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Campinas, 10 de Julho de 1998

ORIENTADORA:

ERNESTA ZAMBONI

SEGUNDO LEITOR:

ROSELI APARECIDA CAÇÃO FONTANA

Aos meus pais, à minha avó materna, às minhas irmãs, e ao meu namorado.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, que incentivou meu espírito científico, e proporcionou-me apoio financeiro.

Meu respeito, admiração e agradecimentos, especialmente, à Professora Dr.^a Ernesta Zamboni, minha orientadora, pela dedicação, sabedoria e amor, que dispensou à mim e ao meu trabalho.

Não posso me esquecer, também, da Professora Dr.^a Roseli Aparecida Cação Fontana, que muito contribuiu para este trabalho, e para minha formação acadêmica.

SINOPSE

Como sugere o título desta monografia, “O Furto do Imaginário da Criança em Sala de Aula”, os objetivos deste trabalho são de analisar como as professoras da escola pública de ensino fundamental utilizam o livro didático, em sala de aula, e como lidam com o imaginário infantil no interior desse contexto.

Os dados desta análise, são resultado de uma pesquisa realizada em duas classes de segunda série, das escolas E.E.P.G. “Prof. Newton Silva Telles” e a E.E.P.G. “Bairro Taquaral”.

Para realizar esta monografia, delimitei os seus objetivos, bem como o universo cultural das escolas que constituem o “locus” privilegiado desta pesquisa. Em seguida, caracterizo as escolas, analiso o olhar das professoras sobre o livro didático, e através de questionários coletei a opinião de pais e alunos sobre este material. A dinâmica da sala de aula também é analisada, para sabermos como as professoras trabalham com o imaginário das crianças.

Os dados coletados para esta análise foram obtidos através da observação sistemática em sala de aula, pelo registro das aulas, pelo estudo dos desenhos dos alunos, e pela análise do diálogo estabelecido entre professoras e alunos.

O referencial teórico utilizado para o estudo dos dados, é a psicologia histórico - cultural.

No final do trabalho, analiso como as professoras introduzem e exploram o conteúdo do livro didático.

SUMÁRIO

TÓPICOS	PÁG.
1. Introdução.....	8
2. Universo da Pesquisa.....	11
3. Relato Sintetizado das Aulas.....	14
3.1. E.E.P.G. “Prof. Newton Silva Telles”.....	14
3.2. E.E.P.G. “Bairro Taquara”.....	18
4. A Escolha dos Livros Didáticos	20
5. O Furto do Imaginário – Análise de Algumas Aulas.....	24
5.1. A Análise dos Desenhos do Alunos.....	32
5.2. A Análise da Exploração dos Conteúdos dos Livros Didáticos pelas Professoras.....	37
6. Conclusões Gerais.....	46
7. Referências Bibliográficas.....	48
ANEXO I.....	50
ANEXO II.....	52

1. INTRODUÇÃO

O livro didático tem adquirido, nos últimos anos, uma importância significativa na escola, por ser um material que apresenta os conhecimentos escolares formalmente organizados. Quando a criança chega na escola, traz com ela, conhecimentos espontâneos, fruto de suas vivências. O livro didático tem sido, geralmente, o primeiro objeto didático com o qual ela toma contato. As suas interações, com esse objeto, se caracterizam por uma verticalidade silenciadora das relações que a criança estabelece entre os conhecimentos com que chega à escola e o conhecimento formal contido no livro.

Assim, a análise da interação dialógica, estabelecida entre as crianças e o livro torna-se importante, pois, é através dela que verificarei como o livro didático furta ou enriquece o imaginário infantil.

Entre o livro didático e o aluno existe um sujeito, o professor, que faz a intermediação desse diálogo. Perguntamos, até que ponto o furto, ou o enriquecimento do imaginário infantil é provocado pela ação do professor, ou pelo texto do livro didático?

Há que considerar também que o conteúdo do livro didático é um dos temas que tem sido objeto de muitos estudos, entretanto, segundo o PROMADI, nota-se uma escassez de pesquisas que enfocam o uso do livro em sala de aula.* Geraldi (1994, p. 128).

Estes dados, aliados à minha experiência de estágio, em escolas públicas de primeiro grau, voltaram a minha preocupação para esse assunto.

* A tese de mestrado de Costa (1997), é um dos poucos estudos que analisam o uso do Livro Didático em sala de aula. Esta pesquisadora, observou, quanto tempo os professores de história, se dedicavam ao uso deste material, nas classes de 5ª à 8ª série, do 1º grau.

Na situação de estágio, constatei que o cotidiano de professores e alunos é desestimulante, rotineiro, repetitivo para os sujeitos envolvidos no processo educativo, provavelmente, provocado pela resistência que se nota na maioria dos docentes por todo e qualquer tipo de inovação.

O cotidiano torna-se extressante e marcado pelo uso mecânico do livro didático, percebido por mim até então, como único recurso pedagógico.

As leituras que realizei*, juntamente com as minhas observações e experiências de estágio, provocaram-me vários questionamentos:

Em que medida, o professor tem domínio teórico - metodológico do seu trabalho pedagógico e da escolha do livro didático que irá usar?

Quem escolhe o livro didático utilizado pelo professor em sala de aula? Será que a direção da escola interfere nisto?

Como o uso do livro didático explora o imaginário infantil?

A exploração do imaginário da criança tornaria as aulas mais interessantes?

Com o objetivo de comprovar ou refutar as hipóteses, por mim levantadas, meus procedimentos como pesquisadora, foram:

- delimitar o universo da pesquisa

*Geraldi, Corinta M. – "Currículo em Ação: Buscando a Compreensão do Cotidiano da Escola Pública" – In Pró – Posições, Vol.5, 1994; MARCELLINO, Nelson C. – "Pedagogia da Animação"- ed. Papirus, 1990; FARIA, Ana L.G. – "Ideologia no Livro Didático"- ed. Cortez, 1996; OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao M. – "Muitas Almas Para a Cidade" – Ed. Papirus, 1996

- visitar as escolas escolhidas
- observar e registrar semanalmente as aulas, no período de 08/97 à 11/97
- entrevistar as professoras, os pais e os alunos.

Para analisar os dados coletados e registrados em campo, estudei as teorias da psicologia do desenvolvimento que explicam o desenvolvimento cognitivo, as teorias sobre o desenho de crianças, e consultei pesquisas realizadas e publicadas sobre livros didáticos.

2. UNIVERSO DA PESQUISA

O meu primeiro procedimento, para a realização deste trabalho, foi escolher as escolas à serem investigadas, de acordo com os objetivos que estabeleci no início, quando elaborei meu projeto de pesquisa. São eles: analisar como o professor utiliza o livro didático, se o uso deste material pode expropriar o professor do controle do seu trabalho pedagógico, ou se o livro didático pode ajudar o professor a explorar o imaginário dos seus alunos.

Já que, a análise do uso do livro didático é um dos pontos centrais desta pesquisa, procurarei escolas que utilizavam este material.

Como eu já conhecia a E.E.P.G. “ Prof. Newton Silva Telles” , procurei-a para saber se alguma das professoras utilizavam livros didáticos e se me deixaria observar e analisar as suas aulas. Quando visitei a escola, pela primeira vez, contatei primeiramente a diretora. Depois de explicar os objetivos da pesquisa à ela, esta me indicou uma professora que utilizava livros didáticos. Então, fui conversar com a professora, e esta autorizou a minha presença na sua sala de aula.

Ao iniciar minha pesquisa, observei que a professora utilizava o livro didático somente em Estudos Sociais. Como eu tinha proposto observar e analisar o uso do livro didático em duas disciplinas, Estudos Sociais e Ciências, tive que procurar, além desta, outra escola: a E.E.P.G. “ Bairro Taquaral”.

Um dos motivos que me levaram a escolhe-la, foi a sua localidade. A E.E.P.G. “Bairro Taquaral” fica muito próxima da minha casa. Ao visitá-la fui recebida cordialmente, tanto a diretora como a professora, permitiram-me realizar o estudo de campo naquela escola. Então, combinei o dia das minhas visitas semanais com a professora,

para observar as suas aulas de Ciências.

Portanto, estes fatos foram preponderantes na escolha das escolas, e na realização da presente pesquisa.

DADOS DAS ESCOLAS PESQUISADAS:

E.E.P.G. "Prof. Newton Silva Telles"

Bairro: Vila Costa e Silva, periferia da cidade

Material Analisado: O livro didático, de Estudos Sociais, "Trança Criança - Uma Proposta Construtivista", terceira série do primeiro grau, Editora FTD, Autores: Ana Lúcia Lucena, Carlos Roberto de Carvalho e Francisco Barros Goulart.

A escola atende um total de 621 alunos, 320 no período da manhã e 301 à tarde. Trabalham nesta escola 21 professores, 2 estagiárias fixas, 2 secretárias, 2 inspetoras, 2 serventes e 1 merendeira.

E.E.P.G. "Bairro Taquaral"

Bairro: Taquaral, próximo ao centro da cidade

Material Analisado: O livro de Estudos Sociais, "Alegria de Saber", Editora Scipione, segunda série do primeiro grau, Autores: Lucina Passos, Albani Fonseca e Marta Chaves, e o livro de Ciências, "Integrando o Aprender", segunda série do 1º grau, Editora Scipione, Autores: Maria Eugênia e Luiz Cavalcante.

A escola atende um total de 670 alunos, 335 no período da manhã e 335 à tarde. Trabalham nesta escola 22 professores, 4 estagiárias fixas, 2 secretárias, 4 pessoas que fazem limpeza e auxiliam na distribuição da merenda.

Logo depois, de obter permissão da escola e das professoras, passei a visitá-las semanalmente e registrei em diário de campo os dados coletados. Começarei a relatar, todos os encontros observados durante esse trabalho.

3. RELATO SINTETIZADO DAS AULAS

Iniciei o meu estudo, observando a dinâmica da sala de aula, e registrando os dados no diário de campo. Para que os leitores, tenham uma visão geral do caminho percorrido por mim, durante a pesquisa, relatarei de forma sintetizada, os dias em que visitei as escolas e os assuntos considerados nas aulas.

3.1 E.E.P.G. “Prof. Newton Silva Telles”

Depois, de obter a permissão da professora, para fazer a pesquisa, comecei a visitar a E.E.P.G. “Prof. Newton Silva Telles” , no dia **05 de agosto de 97**. Neste dia o assunto tratado em sala de aula foi sobre o Folclore. A professora tinha pedido aos alunos que pesquisassem as lendas, canções e fizessem desenhos sobre o assunto.

Dia **12/08/97**, a conversa em sala de aula foi sobre a lenda do Curupira.

Dia **19/08/97**, as crianças construíram maquetes que retratavam a natureza, atividade sugerida pelo livro *Trança Criança*, página 11. O assunto da aula, nesse dia, era, “Os Recursos Que A Natureza Oferece”, este sugerido pelo mesmo livro didático.

Dia **26/08/97**, a professora fez com os alunos um relatório sobre a festa do Folclore, realizada por professores e alunos, com a colaboração da direção da escola. Esta festa foi realizada no dia **22/08/97**.

Na aula do dia **02/09/97**, os alunos leram o texto do livro *Trança Criança*, página 12, "As Condições Que A Natureza Impõe", formaram grupos para procurarem o significado das palavras que não entenderam. Depois, a professora e os alunos fizeram uma roda, e cada um poderia representar um som ou movimento da natureza. A professora conversou sobre os perigos da chuva para o homem e pediu aos alunos que desenhassem: o mar, a chuva, a ventania, o rio, o trovão, a cachoeira. Estas atividades constavam no livro didático, como sugestões.

No dia **04/09/97**, a professora não utilizou o livro, pediu para que alguém fizesse um relógio de papel cartão e o trouxesse na aula desse dia. Explicou os movimentos de rotação e translação da terra fazendo relação com os meios que o homem utiliza para se orientar, ou seja, através de relógios, calendários, fases da lua. Para que os alunos pudessem visualizar as fases da lua, a professora utilizou o livro *Integrando o Aprender*, páginas 228-229, que contém ilustrações sobre o assunto.

Na aula do dia **09/09/97**, a professora continuou tratando do tema: "As Condições Que A Natureza Impõe", e deu prosseguimento às atividades referentes a este assunto, estas, retiradas do livro *Trança Criança*, página 13. A classe se organizou em grupos de quatro alunos para realizarem a atividade: "Com o seu grupo, você irá escolher uma das quatro paisagens para analisar.

Depois de discutir as questões abaixo com os colegas, registre as conclusões a que chegaram:

Alguns aspectos que facilitam a vida nesse lugar;

Alguns aspectos que dificultam a vida nesse lugar;

O que é necessário saber para viver nesse lugar."

Dia **16/09/97**, a atividade do livro foi continuada pela classe:

"O que menos agrada nesse lugar

O que mais agrada nesse lugar

Apresente as conclusões de seu grupo para a classe".

A professora foi passando de grupo em grupo fazendo perguntas sobre o assunto. Depois ela fez na lousa o seguinte quadro, com as conclusões de cada grupo:

AMBIENTE	MENOS AGRADA	MAIS AGRADA

De acordo com as respostas dos grupos, a professora comentava e fazia perguntas sobre o que os alunos tinham escrito.

Dia **23/10/97**, o tema considerado em sala de aula era: "As Soluções Que O Homem Inventou", do livro *Trança Criança*, página 16. Depois, as crianças fizeram a atividade sugerida pelo mesmo:

"Você já analisou estas fotos.

Agora, imaginem. Com os recursos de cada um desses ambientes, que tipo de moradia seria possível construir?

Desenhem a moradia que imaginou e escreva o nome dos materiais que você utilizaria".

Antes de fazer esta atividade os alunos leram o texto do livro. Em seguida, a professora explicou algumas palavras mais difíceis* para as crianças e aproveitou o assunto para falar sobre a higiene dos ambientes, com o objetivo de reforçar a importância desta, em casa e na escola.

Em **30/10/97**, a professora retomou o assunto procurando conversar com os alunos através de perguntas. Os alunos continuaram com a mesma atividade, da aula anterior.

Na aula do dia **07/11/97**, os alunos realizaram a atividade das páginas 18 e 19, dando continuidade às atividades do texto: "As Soluções Que O Homem Inventa". A professora conversou com a classe, lançando perguntas aos alunos, e as respostas eram anotadas na lousa, e os alunos foram copiando no caderno.

Depois, pediu para que eles desenhassem o que gostariam que tivesse no bairro onde moram.

* As palavras selecionadas do texto, pela professora e pelos alunos, como sendo as mais difíceis, foram: solucionar, invenções, dificuldade, enfrentada.

Dia **13/11/97**, a professora passou um texto retirado do livro *Trança Criança: "Parceiros Da Natureza"*. Conversou com os alunos fazendo perguntas. Depois, pediu para que eles se reunissem em grupo para discutir a seguinte questão: Como são divididas as tarefas em sua casa? Por quê são divididas dessa maneira?.

Os alunos não possuem o exemplar do livro didático, a professora tira xerox dele de acordo com as aulas, e distribui aos alunos.

Nos dias **23/09, 30/09, 07/10, 14/10**, e na segunda quinzena do mês de novembro, a professora não trabalhou com Estudos Sociais, pois, segundo ela, os alunos precisavam de reforço em outras disciplinas, como Matemática e Português. Portanto, em meados de novembro encerrei minhas visitas nesta escola.

3.2 E.E.P.G. "BAIRRO TAQUARAL"

Como foi explicitado, anteriormente, precisei procurar outra escola pois, a professora da E.E.P.G. "Prof. Newton Silva Telles" não utilizava livro didático nas aulas de Ciências, e minha pesquisa se propôs a investigar o uso do livro nestas aulas, sendo assim, comecei a visitar ,também, outra escola, a E.E.P.G. "Bairro Taquaral"

Logo depois, de combinar os dias das minhas visitas com a professora, iniciei minha pesquisa nesta escola, no dia **18/09/97**. Os alunos copiaram um texto de Ciências retirado do livro *"Integrando o Aprender"*: "Como se espalham as sementes na natureza". Depois a professora conversou sobre o texto com os alunos, leu a história: "A Lenda da Galinha Azul, autora Sônia Junqueira. O objetivo era ilustrar como os pássaros contribuem para a reprodução das plantas.

A aula do dia **30/09/97**, foi baseada no texto do livro "Alegria de Saber", editora Scipione: "O Trabalho na Indústria". Como de costume os alunos copiaram o texto colocado na lousa depois a professora conversou a respeito, fazendo diversas perguntas aos alunos. Pediu-lhes que fizessem um pequeno quadro no caderno, e desenhassem de um lado, um produto da natureza e, do outro um produto industrializado.

MATÉRIA PRIMA	PRODUTO INDUSTRIALIZADO

Em **14/10/97**, outro texto do livro "Alegria de Saber" foi utilizado: "O Trabalho no Comércio", a professora fez perguntas aos alunos sobre o texto depois, passou uma atividade retirada de outro livro.

Na aula do dia **11/11/97**, a temática abordada foi: "Por quê os Rios São Importantes?" Retirada do livro "Alegria de Saber". A professora conversou com os alunos sobre o assunto, mas não foi feita nenhuma atividade.

Esta foi minha última visita à escola, pois a professora e os alunos estavam envolvidos com as avaliações de final de ano, e o encerramento das aulas.

Logo depois de iniciar as visitas de campo, e de verificar quais eram os livros que as professoras utilizavam em sala de aula, procurei saber como foi que elas escolheram esse material, ou seja, quais foram os critérios de escolha e se sofreram influência das editoras.

4. A ESCOLHA DOS LIVROS DIDÁTICOS

Durante as visitas às escolas, fiz entrevistas informais com as professoras, para saber como eram escolhidos os livros didáticos que seriam usados na sala de aula. A entrevista permitiu-me coletar informações importantes sobre o trabalho das professoras, e a análise destas, suscitou-me algumas questões acerca do domínio teórico - metodológico das educadoras.

Segundo a professora da E.E.P.G. "Newton Silva Telles", sua opção pelo livro "Trança Criança – Uma Proposta Construtivista", Editora FTD, deveu-se ao fato de que este oferecia oportunidade de trabalho em grupo, favorecia a socialização; ajudava a criança a desenvolver a sensibilidade na percepção do mundo; e fornecia elementos para que elas pudessem estabelecer relações entre os dados que recebiam.

A outra professora, da E.E.P.G. "Bairro Taquara", optou por continuar trabalhando com os livros didáticos escolhidos, no início do ano, pela primeira professora da sua turma de alunos. Os livros didáticos são "Integrando o Aprender", para Ciências, e "Alegria de Saber", para Estudos Sociais, ambos da Editora Scipione.

A primeira, da E.E.P.G. "Prof. Newton Silva Telles", demonstrou preocupação com a questão da escolha dos livros que utilizaria, porque usou critérios para isto. Ao contrário, da segunda, que abriu mão da possibilidade de escolha, e se acomodou ao que estava anteriormente estabelecido.

Um dado que chamou a atenção, foi que a professora da E.E.P.G. "Prof. Newton Silva Telles", escolheu trabalhar com um livro de terceira série, em uma classe de segunda série.

Segundo ela, recebeu o livro didático da editora FTD, examinou-o, e chegou a

conclusão que os conteúdos deste livro seriam aplicáveis aos seus alunos.

No entanto, ela não explicou como examinou o livro, e quais foram as razões que a levaram a esta conclusão.

Com o objetivo de verificar até que ponto esta decisão poderia ter dificultado a aprendizagem dos alunos, lançamos um questionário para saber a opinião dos pais, e das crianças sobre os livros didáticos.

O primeiro passo foi testá-lo em duas crianças, e a partir das informações colhidas pudemos analisar a adequação do questionário aos objetivos da pesquisa, e fazer as devidas correções.

A OPINIÃO DOS PAIS E DOS ALUNOS SOBRE O LIVRO DIDÁTICO

Expliquei às professoras sobre os objetivos dos questionários, e pedi para que elas os distribuíssem aos alunos.

Na E.E.P.G. "BAIRRO TAQUARAL", foram recolhidos quarenta e oito questionários. Na E.E.P.G. "Prof. Newton Silva Telles", o número foi um pouco maior, cinquenta e seis questionários no total. É importante esclarecer, que embora, a maioria dos pais e dos alunos, das duas classes, tenham respondido, as respostas de alguns estavam muito confusas, difíceis de serem compreendidas. Portanto, citarei como exemplos, as respostas objetivas, para evitar dúvidas ou erros de interpretação.

A maioria das crianças, disse gostar dos textos que a professora lhes dava, porque ela lia e explicava para a classe. Esses textos e as atividades do livro didático, eram xerocadas pela professora e distribuído aos alunos.

Muitas vezes, quando a professora iniciava um texto, pedia para que a classe

lesse em voz alta, e se aparecessem dificuldades quanto a leitura, corrigia os alunos, depois, solicitava para que estes procurassem no dicionário o significado das palavras.

Esta forma de introduzir os textos, foi apontada pelos alunos como principal motivo que os levaram a preferir o livro didático escolhido pela professora. No entanto, este dado se refere, à uma parte do processo de ensino - aprendizagem, por isso, não dá conta de esclarecer plenamente se o uso deste livro de terceira série foi adequado à classe pesquisada.

Ainda, sobre os questionários, procuramos conhecer, também, a opinião dos pais sobre os livros didáticos. A maioria não encontrou defeito neles.

Por exemplo, uma mãe, auxiliar de produção, respondeu que os livros são bons porque *“é fornecido pelo Estado, tem bom conteúdo, e é de boa qualidade”*. Outra mãe, secretária, respondeu que os livros *“são de fácil leitura, ilustrativo, bem colorido, e não tem defeito algum”*. Uma outra mãe, ajudante de cozinha, respondeu: *“pelo pouco que eu pude ler achei muito bom, referente aos defeitos, quem sou eu para achar algum, acho que essa parte compete à professora”*.

Dos vinte e cinco questionários recolhidos, somente oito pais responderam os defeitos dos livros, e como gostariam que estes fossem. Um pai, auxiliar administrativo, disse que *“alguns livros não são adequados à série, não explicam as tarefas direito, não gosto das tarefas dadas no livro. Gostaria que os livros tivessem melhor explicação”*. Outro pai, comerciante, disse que os livros *“deixavam à desejar em relação a capa, as fotos e a explicação. Gostaria que os livros fossem sempre muito explicativos”*.

Esses comentários demonstram, que a maioria dos pais depositam total confiança na escolha das professoras e nos livros didáticos, alguns acreditam que não são capazes de fazer julgamento à respeito, portanto, as respostas que obtivemos, tanto

dos pais quanto dos alunos, não foram suficientes para responder em que medida o livro didático, escolhido pela professora, estava colaborando para a aprendizagem das crianças.

5. O FURTO DO IMAGINÁRIO - ANÁLISE DE ALGUMAS AULAS

Antes de analisar as situações observadas em sala de aula, registradas em diário de campo, faz-se necessário esclarecer o que está sendo entendido, como imaginário.

O sentido de imaginário, abordado por este trabalho, se refere as representações sociais, ou seja, as imagens e conceitos elaboradas pelos alunos, através das suas experiências intra e extra escolares.* Muitas dessas representações estão presentes no inconsciente coletivo. (Vovelle, 1987) Portanto, me detive em observar e analisar como as professoras lidavam com as representações sociais das crianças.

Foi interessante constatar, que embora, as professoras tentassem estabelecer diálogo com seus alunos, os dizeres destes não eram considerados por elas, assim o diálogo tornava-se mecânico e as imagens e conceitos suscitadas pelas crianças, expressos em suas falas, não eram explorados. Em outras palavras, o diálogo estabelecido em sala de aula não conduziu a elaboração dos conceitos das crianças. Sobre o papel da palavra, Vygotsky explica:

“ A formação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa, em que todas as suas funções intelectuais básicas tomam parte. No entanto, o processo não pode ser reduzido à associação, à atenção, à formação de imagens, à inferência ou às tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavra, como meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos.” (1995 : pág. 50)

** É importante esclarecer que, o sentido de imaginário, expresso neste trabalho, torna-se praticamente equivalente ao conceito de espontâneo, segundo a teoria vygotskiana, no entanto, essa igualdade não é consistente nos marcos desta teoria.*

Como veremos, no decorrer deste trabalho, as professoras utilizavam a palavra ou signo, em várias situações observadas, somente para definir e repetir os conceitos sistematizados aos seus alunos, sem fazer uma elaboração entre estes e os conceitos espontâneos dos alunos. De acordo com Vygotsky, estes dois conceitos *"(...) se relacionam e se influenciam constantemente. Fazem parte de um único processo: o desenvolvimento da formação de conceitos, que é afetado por diferentes condições externas e internas, mas que é essencialmente um processo unitário, e não um conflito entre formas de inteligência antagônicas e mutuamente exclusivas."* (Vygotsky 1995 : pág.74)

Cabe explicitar o significado de cada um destes conceitos: espontâneo e sistematizado. Segundo Vygotsky, os conceitos espontâneos trazem a marca do pensamento infantil em cada etapa do seu desenvolvimento, ao contrário, os conceitos sistematizados são aqueles que a criança não pode ver nem experienciar diretamente. (1995 : pág. 74)

Além disso, os dois conceitos se desenvolvem em situações diferentes, o conceito espontâneo se origina da experiência pessoal da criança, enquanto o conceito sistematizado acontece num âmbito direcionado, que é o contexto de sala de aula. Estes conceitos não são aprendidos mecanicamente pela criança, e sim através de sua intensa atividade mental.(Vygotsky 1995 : 74)

Através de seus estudos, Vygotsky constatou também, que a criança em idade escolar ainda não está com seus conceitos formados. O que ela possui são pré-conceitos que irão evoluir, através das suas funções mentais que estão começando a amadurecer neste período. Os conhecimentos científicos, desempenham um papel importante neste processo da evolução dos conceitos:

“Os conceitos científicos, com o seu sistema hierárquico de inter-relações, parecem constituir o meio pelo qual a consciência e o domínio se desenvolvem, sendo mais tarde transferidos a outros conceitos e áreas do pensamento. A consciência reflexiva chega à criança através dos portais dos conhecimentos científicos.”(Vygotsky 1995 : 79)

Portanto, os conceitos sistematizados são fundamentais para a evolução dos conceitos espontâneos, pois, auxiliará a criança a tomar consciência destes.

Em nenhum dos dois contextos pesquisados, as professoras conseguiram mediar, através da palavra, o processo de evolução dos conhecimentos espontâneos através dos conhecimentos científicos ensinados aos seus alunos pois, elas desconsideraram, em várias oportunidades, os conceitos espontâneos das crianças.

Com o objetivo de explicar melhor estas afirmações, escolhi alguns episódios registrados no diário de campo.

Dia **12/08/97**, a professora, da E.E.P.G. “Prof. Newton Silva Telles” , conversava com os alunos sobre a lenda do curupira.

(1) *Prof.a. – Qual é a história sobre o curupira, quem descobriu?*

(2) *Aluna – Os indígenas descobriram que ele era um duende.*

(3) *Prof.a – Você sabe o que é indígena?*

A aluna que fez o comentário não respondeu, mas o outro aluno disse:

(4) – *São pessoas do outro mundo.*

(5) – *Prof.a. – Não, gente! Os indígenas são os índios.*

No início do diálogo, quando o aluno (4) responde que os indígenas “são pessoas do outro mundo”, a professora não pergunta porquê e o quê o levou a achar isto mas, considerou o que ele disse como totalmente errado.

O processo de elaboração do conceito na criança, foi desconsiderado pela professora. Ela ignorou que o aluno poderia ter sido influenciado pelas palavras e imagens sobre os índios, transmitidas à ele pela TV, pelos livros, revistas, out-dors e, pelo que as pessoas do seu contexto social disseram sobre o índio. Ele poderia, também, ter associado a palavra indígena à palavra alienígena, em função da similitude sonora.

A criança como sujeito ativo do seu conhecimento, interioriza e relaciona palavras semelhantes entre si, e a partir disso constrói possibilidades de sentido para a palavra destacada pela professora.

Ao dizer que os índios são pessoas do outro mundo, essa criança poderia estar querendo dizer que eles vivem de uma forma e num lugar diferentes, daquele(a) que ele está habituado.

No entanto, a professora não conseguiu captar o que o aluno estava dizendo, ou seja, não apreendeu as possibilidades de sentido da palavra em elaboração pela criança, e não procurou explorar a palavra dele mas, manteve uma atitude autoritária.

O modo como a professora reagiu à resposta do aluno, demonstra que ela possui uma concepção tradicional da palavra, ou seja, considera esta como sendo monossêmica, neutra e a-histórica, ignora que tenha vários sentidos, pois estes se construíram e se reconstróem em vários momentos históricos, por sujeitos em contextos sociais

diferentes, com interesses diversos:

"Numa relação pedagógica tradicional, professor e criança relacionam-se com os sistemas ideológicos constituídos (palavras alheias) como palavras que devem ser apreendidas independentemente de sua persuasão interior. Palavras neutras e a-históricas que difundem modelos válidos para ação. O professor toma posse do discurso (dito) científico (e por isso legítimo), e na qualidade de autoridade hierárquica o transmite para o aluno, sem explicar suas origens, as vozes que falam nele, suas transformações, sua incompletude, seu caráter, provisório". (Fontana 1996 : pag.162)

Se a resposta do aluno, tivesse sido explorada, várias questões poderiam ter sido consideradas, como por exemplo: Como o índio vive? Será que hoje a forma do índio viver é tão diferente da nossa? Como o índio vivia antigamente e como vive hoje? Quais foram as mudanças e porque elas ocorreram?

A professora disse que os *"indígenas são os índios"* mas, será que esta informação explicou realmente a questão do que é ser índio para a criança? A professora foi redundante. Dizer que os indígenas são os índios não basta para que as crianças tenham plena consciência do que é ser índio.

Seria necessário portanto, trabalhar com a diversidade de conceitos sobre o que é ser índio: discutir os conceitos científicos e espontâneos que os alunos formaram no contexto intra e extra escolar, sobre o assunto. Assim, a professora estaria mediando a atividade mental dos seus alunos, levando-os a tomarem consciência acerca dos seus conhecimentos.

Outro episódio que explicita como as professoras não conseguem explorar o imaginário das crianças, é o do dia **14/10/97**. A professora da E.E.P.G. "Bairro Taqua-

ral”, conversou com os alunos sobre o texto, “O Trabalho no Comércio”, retirado do livro “Alegria de Saber”, Editora Scipione:

“No Município as pessoas compram, vendem e trocam produtos.

Comércio é a compra, venda ou troca de produtos.

Muitos produtos da zona rural são vendidos para as pessoas da zona urbana, por exemplo: arroz, feijão, carne, couro, algodão.

Muitos produtos industrializados na zona urbana são vendidos para as pessoas na zona rural, por exemplo: sapatos, tecidos, máquinas, tratores, etc.

Na zona urbana, o comércio é feito em lojas, feiras, farmácias, etc.

Na zona rural, os produtos são encontrados em pequenos armazéns e feiras.

Os donos dos estabelecimentos comerciais são os comerciantes. Aqueles que trabalham nesses estabelecimentos, como vendedores e balconistas, são os comerciantes.

As pessoas que fazem compras nos estabelecimentos comerciais são os consumidores ou fregueses.

Os produtos comprados, vendidos ou trocados são as mercadorias.”

Depois dos alunos terem copiado o texto, a professora conversou com eles sobre este, então, resolveu passar a seguinte atividade, retirada de outro livro:

“Copie e leia o texto:

Rita trabalhava na loja de calçados do seu Carlos.

Rogério foi à loja e comprou um par de sapatos.

Agora escreva o nome:

- a) *do comerciário =*
- b) *do comerciante =*
- c) *do consumidor =*
- d) *da mercadoria =”*

A professora foi pedindo para que os alunos fossem à lousa, colocar os nomes correspondentes, quando chegou a vez de escrever o nome da mercadoria, ela perguntou:

- (1) *Prof.a. - Qual é a mercadoria mesmo?*
- (2) *Aluno - Um par de tênis*
- (3) *Prof.a. - Não Jean, é um par de sapatos*

Através da resposta do aluno (2) *“Um par de tênis”*, constatei que ele entendeu o significado da palavra mercadoria, de acordo com o que estava sendo exposto pelo texto, ou seja, mercadoria como objeto comercializado pelo homem.

No entanto, por uma falta de atenção, o aluno não respondeu com as palavras do texto, por isso, a professora negou a resposta dele (3) *“Não Jean, é um par de sapatos”*, sem explicar para a criança o que ela tinha errado.

Ela não conseguiu ouvir atentamente os dizeres dos seus alunos mas, procurou reproduzir a sistematização contida nos textos dos livros didáticos.

Ambas as professoras demonstraram, também, uma falta de conhecimento e de preparo para com as aulas de Estudos Sociais e Ciências, comprometendo o desenvol-

vimento destas aulas.

Pelo que foi vivenciado durante a pesquisa de campo, pude verificar que essas matérias tem sido relegadas ao segundo plano pelas professoras. Na ocasião do último bimestre, uma delas chegou a me dizer que iria suspender essas aulas porque os alunos precisavam de reforço em Matemática e Português, e que foi a escola que lhe aconselhou a fazer isso.

Quanto a mediação dialógica estabelecida por ambas, esta tornou-se mecânica, na medida em que não foi possibilitada à criança explicitar as relações de sentido que estava elaborando:

"(...) a expressão externalizada exerce um efeito reversível sobre a atividade mental, estruturando-a no sentido de aumentar sua clareza, estabilidade e orientação social". (Bakhtin, apud Fontana: 1996).

Assim, o imaginário dos alunos expresso através de suas palavras não é considerado pelas professoras durante o processo de elaboração conceitual.

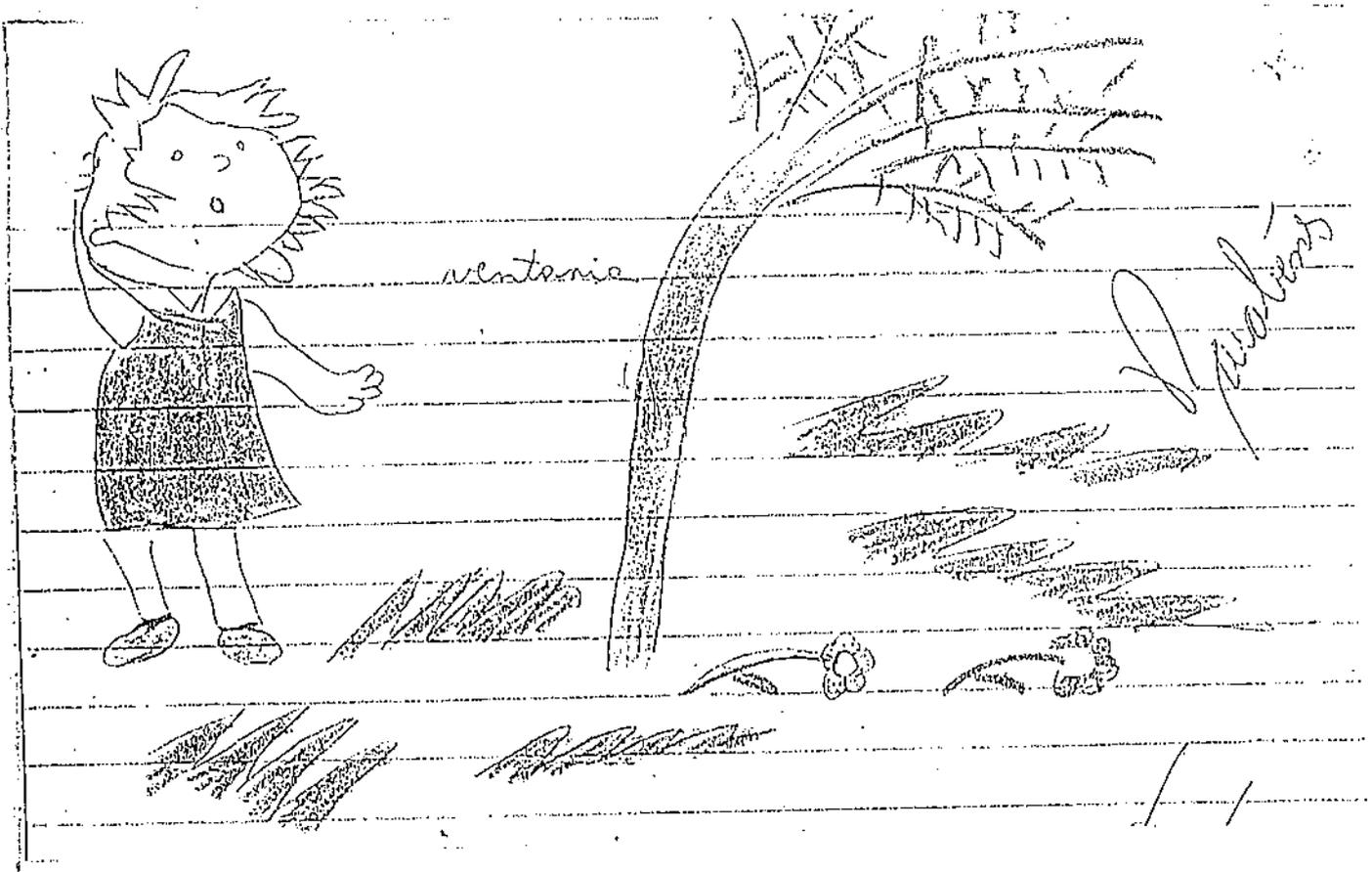
Isto aconteceu também com os desenhos das crianças. Embora o imaginário delas tenha florescido, nestas ocasiões, a professora da E.E.P.G. "Prof. Newton Silva Telles" , particularmente, não o explorava, embora ela tivesse solicitado, em várias oportunidades, que os alunos desenhassem, através das atividades do livro didático "Trança Criança".

Para entender como os alunos desenharam nestas ocasiões, precisei recorrer às teorias de Luquet e de Vygotsky. Estes estudiosos explicam os vários modos pelos quais as crianças desenharam, dessa forma consegui analisar se a professora conseguiu ou não despertar e explorar o imaginário dos alunos.

5.1 ANÁLISE DOS DESENHOS DOS ALUNOS

Das duas professoras pesquisadas, a única que solicitou várias vezes que os alunos desenhassem, foi a da E.E.P.G. "Prof. Newton Silva Telles". Nestas ocasiões a professora utilizava o livro "Trança Criança", que solicitava esses desenhos. Constatei que o imaginário das crianças era despertado, porque estas procuravam desenhar de acordo com a imagem que possuíam do real.

Aqui uma aluna de oito anos representou a ventania:



A aluna desenhou uma menina, uma árvore, flores e gramas inclinadas para que

seu desenho retratasse o real. Luquet (1969 : 127) afirma, que as crianças desde pequenas procuram desenhar o que sabem do real, observando atentamente os pormenores como característica da realidade.

Se observarmos o desenho, perceberemos, como destaca Luquet (1969 : 83,84), que a criança provavelmente copiou a figura da menina. Essa cópia, entre outras possibilidades, pode ser atribuída à identificação por ela estabelecida, entre o desenho e a imagem mental de ventania, por ela elaborada em suas experiências cotidianas.

Essas atividades do livro eram feitas em grupo, ou em duplas de alunos, o que favoreceu a descontração, e pode modificar o tipo de desenho das crianças:

“A modificação do tipo pode ser produzida não só por novos objetos reais, mas também por novos modelos ou desenhos de outras pessoas que representam o objeto de outro modo.” (Luquet, 1969 : 69)

Esta afirmação de Luquet, aproxima-se das conclusões à que Vygotsky chegou sobre a importância do outro, nas relações de ensino:

“O que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã”. (1987 : 87).

No entanto, algumas vezes a atividade imaginativa da criança foi suprimida pela professora, que impôs sua palavra aos alunos.

Por exemplo, na aula do dia 23/10/97, os alunos estavam fazendo a atividade do livro “Trança Criança”, página 16. Ao ler com as crianças o texto, a professora disse:

“- Vocês vão poder desenhar uma casa com telha? Não, na mata não tem telha, nem vai poder fazer garagem, porque lá não tem carro.”

Ela nem se quer deu oportunidade para que os alunos expressassem seus conhecimentos sobre o tema a ser desenhado. Perdeu a chance de conhecer os referenciais culturais da criança, e mais, passou uma informação errada pois, sabemos que nos dias de hoje, existem carros e casas com telha na mata.

Isso não significa que a professora não deva informar, pelo contrário, as informações são muito importantes para que os alunos possam ter acesso aos conhecimentos sistematizados. O que está em jogo é a forma como a professora fez a mediação entre esses conhecimentos e os alunos, ou seja, de maneira autoritária.

Caso, ela quisesse mudar a sua prática de ensino, precisaria refletir melhor sobre o seu papel de professora e preparar-se melhor para as suas aulas:

“Mais do que observar as crianças e garantir o espaço para os seus dizeres era preciso assumir também seu papel e seu espaço (o de um adulto com um objetivo explícito), nesta relação intencional que é a relação de ensino, tendo em conta a condição de ambos – adultos e crianças – como parceiros intelectuais, desiguais em termos de desenvolvimento psicológico e dos lugares sociais ocupados nessa relação, mas por isso mesmo parceiros na relação contraditória do conhecimento”. (Fontana, 1996 : 72).

A professora deve ser parceira dos seus alunos na relação de ensino, e isto significa que além de informar os conhecimentos formais deve trabalhá-los na diversidade.

Em outras palavras, deve ajudar as crianças a elaborarem e reelaborarem os

conceitos sistematizados nas relações que estabelecem entre esses conceitos, e os conceitos não sistematizados (pré-conceitos), elaborados não conscientemente em suas vivências.

Essa consciência ou generalização que a criança é capaz de adquirir, durante a idade escolar, quando ela entra em contato com os conceitos sistematizados, significa em outras palavras, uma formação de conceitos supra-ordenados, como explica Vygotsky (1995:pág. 80):

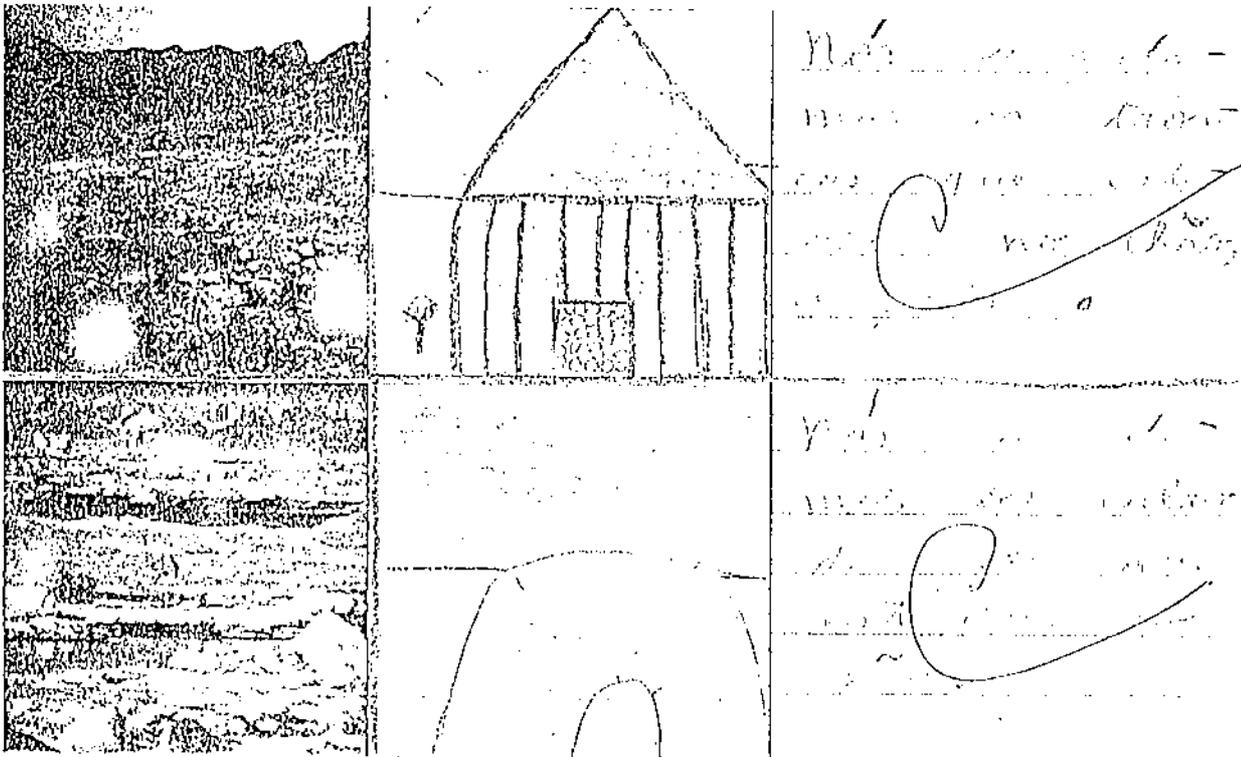
“Um conceito supra-ordenado implica a existência de uma série de conceitos subordinados, e pressupõe também uma hierarquia de conceitos de diferentes níveis de generalidade.”

Portanto, a professora deve mediar o processo de conscientização dos conceitos espontâneos, através dos conceitos sistematizados.

Durante o episódio analisado, ninguém desenhou casa com telha, ou garagem, como mostra o desenho abaixo, feito por um grupo de alunos. As crianças se apropriaram das informações da professora, e procuraram desenhar, de forma adequada, ao que imaginavam que era esperado por ela. Segundo, Fontana (1997 : 157), o desenvolvimento do desenho da criança sofre influências das opiniões das pessoas que estão ao redor dela:

“A participação do outro nesse processo é clara: um adulto ou outra criança auxilia, fornece pistas ou instruções, opina, critica, elogia, incentiva ou faz junto.(...)O desenho da professora, de um colega ou do irmão, as gravuras dos livros, das revistas, das propagandas, etc., sugerem temas, as formas e as cores, evidenciam o que é socialmente valorizado como belo, correto, bem-feito, indicam o que é saber e não saber de-

senhar.”



Portanto, a participação do outro é fundamental nas relações de ensino. Quando o professor tem conhecimento teórico acerca disto, isto pode ajuda-lo a refletir melhor sobre o que faz e o que diz para seus alunos. Creio que, isso seria imprescindível caso a professora da E.E.P.G. "Newton Silva Telles" quisesse redimensionar seu papel em sala de aula, de forma a superar sua atitude autoritária e explorar o imaginário das crianças.

5.2. A ANÁLISE DA EXPLORAÇÃO DOS CONTEÚDOS DOS LIVROS DIDÁTICOS PELAS PROFESSORAS

Até aqui, constatamos que as professoras embora consigam despertar o imaginário dos seus alunos através do livro didático, não conseguem explorá-lo. Isto se deve a vários fatores: falta de conhecimento e preparo das aulas de Estudos Sociais e Ciências, falta de conhecimento teórico dos seus papéis de professoras e de como a criança elabora e reelabora os seus conhecimentos no contexto intra e extra escolar.

Constatamos outros fatores que contribuem para que elas não consigam explorar o imaginário das crianças, através do livro didático. Ambas introduziram os textos dos livros de forma rotineira, na maioria das vezes, não conseguiram ultrapassar o conteúdo do livro, e sempre que surgia uma questão que desse margem à isto, esta não era desenvolvida, ou era apenas utilizada para enfatizar o conteúdo do texto do livro didático, considerado naquele momento.

Em várias oportunidades, a professora da E.E.P.G. "Prof. Newton Silva Telles" , introduziu os textos do livro didático, pedindo para que os alunos fizessem a leitura destes em voz alta.

À medida que os alunos iam lendo, a professora ia chamando a atenção deles para seus erros de leitura, depois todos selecionavam juntos as palavras que não sabiam o significado, para procurarem no dicionário.

Faziam uma última leitura substituindo as palavras desconhecidas, pelo significado encontrado no dicionário, logo em seguida, a professora procurava conversar com os alunos sobre o texto.

Segundo Vygotsky (1995 : pág. 72), este tipo de procedimento não traz muitos

resultados:

“A experiência prática mostra também que o ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero. Um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto o verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança, semelhante a um papagaio, que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade oculta um vácuo.

A professora objetivava explicar os conceitos com outros conceitos. Como Vygotsky explica, tal atitude não torna a criança consciente do sentido da palavra, pelo contrário, faz com que ela repita mecanicamente os conceitos. A criança toma consciência dos conceitos a partir do momento em que *“(...) Ouve ou lê uma palavra desconhecida numa frase, de resto compreensível, e a lê novamente em outra frase, começa a ter uma idéia vaga do novo conceito: mais cedo ou mais tarde ela ... sentirá a necessidade de usar essa palavra - e uma vez que a tenha usado, a palavra e o conceito lhe pertencem. (Tolstói, apud Vygotsky 1995 : pág.72)*

Constatai também que, muitas vezes, a professora extrapolou o conteúdo do livro didático porque transmitiu vários conhecimentos de forma confusa e inadequada.

A aula do dia **09/09/97**, comprova esta afirmação. A professora pediu para que os alunos lessem o enunciado do livro “Trança Criança”, página 15:

“Agora, examine com atenção as fotos abaixo. Elas mostram diversos ambientes que encontramos na superfície da terra.”

O livro trazia quatro fotografias de lugares diferentes.

Depois da leitura, a professora começou a perguntar às crianças o que elas

tinham entendido das gravuras. Os alunos identificaram a primeira como mata, a segunda como praia, e as duas últimas não conseguiram dizer, porque o xerox distribuído pela professora estava apagado.

Então, a professora passou o livro de grupo em grupo para que os alunos pudessem observar. Assim a terceira gravura foi identificada pelas crianças como pântano e a quarta como habitat gelado.

A professora perguntou a um aluno o que ele tinha entendido do que leu e viu.

(1) Aluno - Tá mostrando a superfície da terra

(2) Prof.a. - E na superfície da terra, nós temos o quê?

(3) Aluna - ambientes

(4) Prof.a. - Toda superfície da terra é coberta de água?

(5) Alunos - Não!

(6) Prof.a. - toda de terra?

(7) Alunos - Não!

(8) Prof.a. - O que vocês entenderam por superfície da terra? Onde nós moramos, dentro da terra, no meio dela?

(9) Alunos - Não!

(10) Prof.a. - Nós moramos na superfície mas, como nós não caímos?

Silêncio dos alunos

(11) Prof.a. - porque existe um imã no centro da terra que nos atrai. A terra atrai todos os corpos para si.

Para demonstrar, ela pegou um imã, colocou-o embaixo de uma tampa plástica

e, em cima desta colocou um clipe.

(12) *Prof.a.- Eu tenho a capacidade de movimentar o clipe. Da mesma forma a terra tem um certo magnetismo, puxa os corpos para si. por isso, tudo que nós jogamos vai parar no chão, é por isso que nós não saímos do chão.*

Ela pegou um globo, movimentou-o e disse:

(13) *Prof.a.- Quando a terra gira em torno de si mesma ela demora 24 horas. Quando ela gira em torno do sol leva 365 dias. Toda essa parte azul é água. O que vocês acham, aqui existe mais água ou terra?*

(14) *Alunos - Água!*

Depois, falou os nomes dos mares oceanos e continentes. (Apontava com o dedo)

(15) *Prof.a. - Nós somos latino-americanos, e quem mora no continente do norte? É norte-americano. Deu para ter uma idéia de onde moramos, nós não moramos dentro da terra e sim na superfície dela. Depois eu vou deixar vocês verem o globo.*

A intenção dela, era relembrar alguns conteúdos de Ciências, estudados pelos alunos, para que estes pudessem estabelecer relações com o assunto da aula neste dia.

No entanto, isto não aconteceu pois, a professora se preocupou em citar várias

informações ao mesmo tempo, e não as analisou.

Mais uma vez, a falta de planejamento da aula ficou evidente. Está provado por estudos realizados sobre a aprendizagem de geografia, que para o desenvolvimento deste conteúdo o aluno necessita de uma série de informações anteriores, para entender a complexidade desta temática. Pelas minhas observações das aulas, a professora não trabalhou o conhecimento e as representações que as crianças tinham sobre esse tema.

Se ela tivesse planejado a aula, talvez tivesse chance de estabelecer as relações existentes entre os movimentos de rotação e translação, sobre as estações do ano, os pontos cardeais e localização, os tipos de relevo e os tipos de clima.

O planejamento adequado evitaria, que ela improvisasse a aula, possibilitando que dimensionasse melhor os seus objetivos à atingir, e a forma de desenvolvê-los.

Na realidade, o que houve foi um discurso das informações. Quando o aluno (1), responde: Tá mostrando a superfície da terra, usa as palavras do enunciado do livro. Segundo Vygotsky (1987 : 97):

"Uma criança nova precisa reproduzir as palavras exatas pelas quais um significado lhe foi transmitido."

Portanto, esse aluno apreendeu a palavra sistematizada do livro, porém, isto não quer dizer que ele tenha tomado consciência do significado da palavra **superfície**.

A professora deveria se certificar se o aluno entendeu o que disse, no entanto, usa a resposta dele como mera repetição do texto: (2) E na superfície da Terra nós temos o quê?

Embora tenha predominado o uso do livro didático de forma seqüencial, isto é, um capítulo após o outro, houve momentos nos quais a professora não utilizou o livro, por exemplo: no trabalho com os temas sobre o Folclore e sobre os marcadores temporais.

Quanto a professora da E.E.P.G. "Bairro Taquaral", esta sempre introduzia o texto do livro didático da mesma forma, com cópia e leitura.

A aula do dia **18/09/97**, foi escolhida como exemplo dentre várias que demonstram isso. O texto do livro didático de Ciências, "Integrando o Aprender", Editora Scipione, foi copiado pelos alunos:

"Como se Espalham as Sementes na Natureza

Na natureza, as sementes podem ser espalhadas de diversas maneiras:

- 1) Pelo homem, que as utiliza para fazer plantações;*
- 2) Pelos animais, que as levam presas no pêlo ou nas patas;*
- 3) Pelas aves, que as carregam no bico, nas patas ou nas penas;*
- 4) Pelo vento, que as desloca para outros locais;*
- 5) Pelas águas da chuva e dos rios, que as levam de um lugar para outro."*

Ao término da cópia do texto, pelas crianças, a professora perguntou:

(1) Prof.a. - O que a gente pode falar sobre esse textinho?

(2) Aluno - Fala sobre as plantas.

(3) Prof.a. - E o que a gente pode falar sobre elas?

(4) *Aluno - Que elas se espalham por diversas maneiras.*

(5) *Prof.a. - E o textinho tá falando sobre cinco maneiras. A primeira é quando o homem planta a semente para surgir outras plantas. E os animais vocês sabiam que eles também contribuem para isso?*

(6) *Alunos - Não!*

Como se pode observar, através do diálogo, a professora reforçou o conteúdo do livro didático, destituído de toda e qualquer reflexão.

Logo depois, de conversar com os alunos sobre o texto, a professora pegou um livro de história, "A Lenda da Gralha Azul", autora Sônia Junqueira, Editora Atual, e leu para as crianças.

Foi muito interessante, a sua iniciativa de ler esta história para os alunos, no entanto, a professora serviu-se da história, com o único objetivo de ressaltar o conteúdo do livro didático. Se tivesse sido utilizada com o objetivo de favorecer e ampliar o imaginário das crianças, isto poderia ter dado margem a outras questões implicadas no texto, como da caça indiscriminada dos animais, e os riscos que isso pode representar para o equilíbrio ecológico.

Vejam como ela teve dificuldade de ultrapassar o conteúdo do livro didático em outras ocasiões:

Dia **30/09/97**, a professora trabalhou com o tema: "O Trabalho na Indústria", retirado do livro Alegria de Saber, editora Scipione. Depois de passar o texto na lousa e o significado das palavras, conversou com os alunos. Eis o diálogo:

(1) *Prof.a. - Ali no texto, fala que nós consumimos muitas coisas, o que quer dizer isso?*

Os alunos leram o significado de consumimos, que estava na lousa.

(2) *Prof.a. - É só coisa de comer que a gente consome?*

(3) *Alunos - Não, caderno, mochila.*

(4) *Prof.a. - É, além de consumir coisas de comer, a gente consome material escolar, roupa, sapato. Nós consumimos várias coisas, e destas coisas pode ser tanto matéria-prima como produto industrializado. O que é matéria-prima?*

(5) *Aluna - São coisas que são para fazer uma outra coisa.*

(6) *Prof.a. - É uma coisa que a gente usa para fazer uma outra coisa, só que a gente tira da natureza, nós somos seres consumidores. Vocês já ouviram falar: Ah! aquela pessoa é consumista? É, tem pessoas que só pensam em gastar se não elas não ficam felizes.*

(7) *Aluno - Eu também, se eu for no Dalbem e não trazer algum salgadinho, eu não fico feliz!*

(8) *Prof.a - O que mais que a gente tira da natureza?*

Podemos notar que o caminho metodológico que a professora utilizou para introduzir o significado de matéria-prima e diferenciá-la de produto industrializado, ficou confuso pois, ela partiu da palavra **consumimos**, e desenvolveu a maior parte da temática sobre esta palavra.

Quando a professora levantou a questão do consumo excessivo, disse: (6) “Vocês já ouviram falar: Ah! aquela pessoa é consumista? É, tem pessoas que só pensam em gastar se não elas não ficam felizes”. O aluno (7), apreendeu o significado da palavra destacada pela professora e relacionou-a ao seu contexto social: “Eu também, se

eu for no Dalbem e não trazer algum salgadinho, eu não fico feliz!”

Embora a professora tenha se prendido ao conteúdo do livro, conseguiu despertar a imaginação do aluno à palavra que destacou : **consumimos**.

No entanto, a exploração do imaginário não é desenvolvida, logo depois da fala do aluno, a professora volta ao conteúdo do livro didático, (8) *“O que mais que a gente tira da natureza?”*, deixando solta a questão que ela mesmo levantou.

É importante ressaltar, que ela não seguiu as atividades do livro, quando considerava os textos com as crianças, preferia somente repeti-los, ou então trabalhava com atividades de livros diferentes.

Os relatos apresentados neste trabalho e suas análises, evidenciaram que as professoras não planejam suas aulas, falta-lhes entendimento sobre o papel mediador do professor durante o processo de formação dos conceitos dos seus alunos, e sobre como se desenvolve a inteligência infantil, por esses motivos, elas introduzem e exploram o livro didático de forma rotineira, sem ultrapassar os conteúdos, e quando conseguem despertar o imaginário das crianças através do livro, não o desenvolvem, ou então, utilizam-no com o único objetivo de reforçar o conteúdo do livro didático.

No entanto, isso não significa que as professoras tenham entregue o seu trabalho pedagógico totalmente ao livro didático, pois ambas estabeleciam diálogo com seus alunos, uma delas utilizou critérios para escolher o livro que utilizaria em sala de aula e não fazia uso deste em todas as aulas, e a outra não o seguia sequencialmente.

6. CONCLUSÕES GERAIS

Os dados coletados em campo e as análises realizadas, levaram-me a concluir que as professoras, se prenderam ao conteúdo do livro didático, e quando ousaram ultrapassá-lo, fizeram-no de forma confusa e para reforçar o conteúdo que o livro trazia. Os conteúdos foram introduzidos de forma rotineira, ou seja, as professoras não se preocuparam em encontrar formas alternativas para a rotina. Tiveram dificuldade, também, em lidar com o imaginário dos alunos.

Ao abordarem o conteúdo do livro, o faziam de forma a estabelecer o diálogo, no entanto, por falta de conhecimento sobre a psicologia do desenvolvimento, e dos seus papéis de professoras, rejeitaram e ignoraram o imaginário das crianças, fruto da prática social, e expresso através dos dizeres destas.

Portanto, o diálogo estabelecido em sala de aula tornou-se mecânico, assim o imaginário das crianças não foi explorado pelas professoras, através deste meio, para que estas pudessem conhecer melhor os referenciais culturais dos alunos e mediar o conhecimento destes.

Houve ocasiões em que, as professoras optaram por não utilizar o livro, ou então, não o seguiram seqüencialmente. Por exemplo, a professora da E.E.P.G. “Prof. Newton Silva Telles” , não usou o livro nas aulas observadas, dos dias: **05/08/97, 12/08/97, 28/08/97 e 04/09/97**, e a professora da E.E.P.G. “Bairro Taquaral”, não trabalhava com as atividades sugeridas pelos livros.

Constatedei, também, que embora uma das professoras tenha sofrido influência das editoras, a sua autonomia em escolher o livro que utilizaria, é inegável, porque dispôs de critérios para tomar a decisão. Não escolheu o livro baseando-se unicamente

em propagandas editoriais. Com relação, a eventual interferência da direção sobre este assunto, nada foi constatado, durante a pesquisa.

Ainda, quanto ao uso do livro didático, embora, as professoras tenham baseado grande parte do seu trabalho pedagógico sobre este material, não constatei no grupo pesquisado, uma entrega total, pois, elas procuravam dialogar com os alunos, uma delas não usou o livro em todas as aulas, e outra não seguia metodicamente a seqüência deste.

Esclareço, que meu objetivo não é fazer uma confrontação entre o trabalho das professoras, muito menos julgá-las. Acredito no esforço e dedicação destas profissionais, e agradeço sua colaboração a este trabalho.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZENHA, MARIA G. "O CONSTRUTIVISMO DE PIAGET À FERREIRO". 2ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 1994;

COSTA, ANGELA M. S. "PRÁTICA PEDAGÓGICA E TEMPO ESCOLAR: O USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA". São Paulo. Dissertação de Mestrado. PUC, 1997;

FARIA, ANA L. G. "IDEOLOGIA NO LIVRO DIDÁTICO". 12ª. edição, Ed. Cortez, 1996;

FONTANA, ROSELI C. "MEDIÇÃO PEDAGÓGICA NA SALA DE AULA". 1ª edição, Ed. Autores Associados, 1996;

FONTANA, ROSELI C. e CRUZ "PSICOLOGIA E TRABALHO PEDAGÓGICO". São Paulo, Atual Editora, 1997;

FREITAG, BÁRBARA; COSTA , Wanderly F. C.; MOTTA, Valéria R. "O LIVRO DIDÁTICO EM QUESTÃO". Ed. Cortez, 1984;

GERALDI, Corinta M. "CURRÍCULO EM AÇÃO: BUSCANDO A COMPREENSÃO DO COTIDIANO DA ESCOLA BÁSICA". In Pró posições, Vol. 5 Nº 03 [15],1994;

LAKATOS, Eva M., MARCONI, Marina A. "METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO". São Paulo, 4ª edição, Editora Atlas, 1995;

LUQUET, G. H. "O DESENHO INFANTIL". Companhia Editora do Minho – Barcelos,1969;

MARCELLINO, Nelson C. "PEDAGOGIA DA ANIMAÇÃO" – Ed. Papirus,1990;

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. - (1996) - "MUITAS ALMAS PARA A

CIDADE” - In Ensino de Geografia - Cedes - 1ª edição - Editora Papyrus, 1996;

PIAGET, Jean. “A FORMAÇÃO DO SIMBOLO NA CRIANÇA”. 2ª edição. Zahar Editores – MEC, 1975;

SNYDERS, Georges “ALUNOS FELIZES: REFLEXÃO SOBRE A ALEGRIA NA ESCOLA À PARTIR DE TEXTOS LITERÁRIOS”. 2ª edição, Ed. Paz e Terra, 1996;

VOVELLE, Michel “ IDEOLOGIAS E MENTALIDADES”. São Paulo, 1ª edição, Ed. Brasiliense, 1987;

VYGOTSKY, L.S. “PENSAMENTO E LINGUAGEM”. São Paulo, Ed. Martins Fontes, Cap.III eVI, 1987.

ANEXO I
QUESTIONÁRIO PARA AS CRIANÇAS

QUESTIONÁRIO PARA AS CRIANÇAS

Nome: _____

Idade: _____

1. *Dos livros que você usa na Escola, quais você mais gosta? Diga por quê.*

2. *Dos livros que você usa na Escola, quais você menos gosta? Diga por quê.*

3. *Na sala de aula, você prefere usar o texto dado pelo professor ou do livro? Por quê?*

4. *Se você tivesse que dar cor para seu livro, qual cor você daria? Por quê?*

5. *Como você gostaria que fossem os livros que você usa na Escola? Responda marcando com um "X" na frente das opções abaixo:*

1. Letra:

Tipo: Cursiva ()

De Forma ()

Tamanho: Pequena ()

Grande ()

2. Papel:

Colorido ()

Folha Branca ()

3. Desenho:

Pequeno ()

Grande ()

4. Texto:

Pouco ()

Muito ()

5. Parte para escrever:

Sim ()

Não ()

ANEXO II
QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS

QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS

Nome da Criança: _____

Idade dos Pais: Pai _____ Mãe _____

Profissão:

Do Pai: _____ Da Mãe: _____

Escolaridade do Pai:

1ª à 4ª série, 1º Grau ()

1ª à 8ª série, 1º Grau ()

2º Grau ()

Superior ()

Escolaridade da Mãe:

1ª à 4ª série, 1º Grau ()

1ª à 8ª série, 1º Grau ()

2º Grau ()

Superior ()

1. Diga três qualidades e três defeitos do livro didático que seus filhos usam na Escola.

2. Quais outros livros você tem em sua casa?

3. Você costuma ler o livro didático dos seus filhos?

4. Você compra livro com frequência para seus filhos?

5. Como você gostaria que fosse o livro didático?
